

Resumo

As ameaças transnacionais, imprevisíveis e assimétricas, características do século XXI promovem a necessidade de colaboração internacional. Os desafios colocados à segurança e estabilidade requerem a adoção de novos conceitos e capacidades. A ênfase no número e tamanho das forças, característicos dos conflitos tradicionais, deu lugar à capacidade de produzir efeitos rápidos, em qualquer parte do mundo, com danos colaterais reduzidos. As coligações internacionais constituem-se cada vez mais como a única alternativa para derrotar as ameaças globais, recorrendo à aplicação de todos os elementos do poder nacional.

A orquestração desse poder sofre incrementos exponenciais, através de uma colaboração entre as várias capacidades num ambiente centrado em rede, onde existe uma ligação efectiva dos processos e sistemas de recolha, análise e difusão de informação, proporcionando decisões melhor informadas e acções com os efeitos desejados. A procura de maior eficácia com o dispêndio de menores recursos está subjacente a este processo, assentando em forças expedicionárias com capacidades modulares, com um grau de interoperabilidade que permita a operação conjunta.

Este processo contínuo de Transformação da Defesa, com alterações a todos os níveis da cultura militar implica uma (R)evolução do Pensamento Estratégico.

Abstract

The transnational, unpredictable and asymmetrical threats characteristic of the 21st century promote the necessity for international collaboration. The challenges placed to the security and stability requires the adoption of new concepts and capacities. The emphasis in the number and size of the forces, characteristic of the traditional conflicts, gave way to the capacity to produce swift effects, in any part of the world, with reduced collateral damages.

International coalitions are the only alternative to defeat the global threats, applying all the elements of the national power. The orchestration of this power suffers exponential increments, through the collaboration between capacities in a network centered environment, where takes place an effective linking of the processes and systems of collection, analysis and diffusion of information, providing better informed decisions and desired effects. The search for improved effectiveness with fewer resources is underlying to this process, which rests in expeditionary forces with modular capacities, with an interoperability degree that allows for joint operation.

This continuous process of Defense Transformation implies changes to all levels of the military culture, involving a (R)evolution in Strategic Thinking.

A (R)Evolução do Pensamento Estratégico

João Vicente

“Aqui estamos nós no ano de 2002, a combater na primeira guerra do século XXI, e a cavalaria está de volta...a ser usada de maneiras nunca antes imagináveis. Mostrou que a Transformação é mais do que construir novas armas... É também acerca de novas maneiras de pensar e novas maneiras de combater.” Donald Rumsfeld¹ - Secretário de Defesa EUA

A estratégia é uma ciência e uma arte de desenvolver e utilizar o poder nacional para atingir fins políticos. É uma ciência porque constitui um sistema de conhecimentos, princípios e métodos sobre os quadros de conflito numa perspectiva social e política, integrando a história, a geografia, a política, a sociologia, a psicologia e as relações sociais. É uma arte porque, partindo das formulações de carácter científico e metodológico, introduz jogos de acção com o uso de capacidades morais e materiais visando alcançar os resultados desejados, isto é, cria ou acrescenta qualquer coisa de concreto na ciência. É uma interface entre o desenvolvimento intelectual e a arte operacional, importando por isso que o estratega tenha um carácter analítico, pragmático, inovador e multidisciplinar.

A estratégia é uma disciplina de meios que se situa entre a política, que serve, e a tática, que a executa, sujeita aos imperativos da primeira e orientando o comportamento da segunda. Tendo por base a definição de estratégia nacional do General Cabral Couto, permito-me acrescentar porém breves notas complementares essenciais à compreensão e discussão: “O Poder Político, no uso da autoridade representativa do Estado, interpretando o QUERER², e avaliando as CAPACIDADES³, define o QUE FAZER⁴. O processo de articulação do poder nacional, face aos objectivos, aos meios e aos obstáculos - O COMO FAZER - é a ESTRATÉGIA NACIONAL”.

De acordo com Raymond Aron o Potencial Estratégico Nacional revela a capacidade de uma unidade política em impor a sua vontade na arena internacional. No entanto, a imposição dessa vontade não está só dependente da componente militar. A natureza interligada e dependente da sociedade actual conduz a que uma acção produza uma multiplicidade de efeitos, requerendo uma aproximação integrada

¹ Esta citação traduz um exemplo vivo da Transformação do Pensamento Estratégico. RUMSFELD, Donald - **21st Century Transformation**. U.S. Armed Forces National Defense University, Fort McNair, Washington, D.C., 31 de Janeiro de 2002. <http://www.defenselink.mil/speeches/2002/s20020131-secdef.html>.

² Interesses e ambições nacionais.

³ Conjunto organizado de forças materiais e anímicas que um Estado pode utilizar contra um antagonista, com vista a contrariar a sua resistência ou a sua oposição, a fim de realizar os objectivos a que se propõe. Se pudesse ser expresso matematicamente: $P_n = F_m \times F_a$ (ou Poder Nacional = Poder Duro x Poder Suave).

⁴ Política Nacional

do poder dos Estados - Diplomático; Informação/Psicológico; Militar; Económico (DIME) – uma mistura de poder suave e duro. Ao longo dos séculos verificou-se uma preponderância atribuída à componente militar, levando os maiores pensadores estratégicos a discorrerem sob as formas de utilização da força para coagir os adversários. Uma das maiores referências que continua a influenciar o pensamento militar moderno é Clausewitz e a sua obra póstuma “Da Guerra”. Esta obra clássica resultou da confluência da Revolução Industrial com a Revolução Francesa. Se ele estivesse hoje entre nós, estaria certamente a trabalhar numa revisão da sua influente obra, dado que actualmente assiste-se à convergência da Revolução da Informação com a Revolução dos Assuntos Militares (RAM)⁵. Faço esta afirmação partindo da constatação de que a maneira de travar as guerras mudou! O Golfo 1991, a Bósnia, o Kosovo, o Afeganistão e o Iraque 2003 são disso reflexo.

Vejamos primeiro a necessidade de compreender a RAM como aspecto fulcral para a percepção estratégica das questões de segurança. Para isso teremos de perceber o que fundamentalmente está a mudar na concepção da guerra, para em seguida tecermos alguns comentários críticos sobre a operacionalização do conceito.

Segundo o General Pezarat Correia⁶, a RAM configura o fim do monopólio da doutrina *clauswitziana* no domínio da polemologia. A concepção de Clausewitz encara a guerra como uma verdadeira trindade composta pela violência original dos seus elementos (o povo), instinto cego (paixão); pelo jogo das probabilidades e do acaso (risco), actividade da alma (o cálculo estratégico do chefe militar); e pela natureza subordinada de um instrumento político, domínio da razão (a inteligência do dirigente político). Simplificando, é uma interacção entre três forças: a paixão, o risco e a razão. A guerra é vista como um fenómeno conflitual político-militar violento, entre Estados ou entidades políticas, usando como instrumento as forças armadas institucionais, por motivos de interesse nacional e para servir objectivos políticos. Segundo Clausewitz, a guerra é a continuação da política por outros meios. Hoje, e segundo António Telo, a RAM é a “forma superior da política”⁷. Não por ser melhor que as outras ferramentas políticas, mas por ser mais exigente e complexa, surgindo como talvez a única forma possível de um grande poder vergar a vontade de outro menor com recurso à violência militar.

Comparativamente, o paradigma da RAM perspectiva a nova natureza da guerra como conflitos violentos em que está ausente uma racionalidade político-social, preconizando o fim do conceito *weberiano* do Estado detentor do monopólio da violência legítima, onde proliferam novos actores para-

⁵ A disrupção de valores e processos de fazer a guerra e das respectivas organizações. Por exemplo, a “blitzkrieg” e a aviação naval (porta-aviões) podem considerar-se inovações disruptivas. No caso do exército alemão, ameaçou e transformou a infantaria. No caso americano tornou obsoletos os navios almirantes.

⁶ Palestra do Major-General Pezarat Correia no Instituto de Altos Estudos da Força Aérea em 6 de Abril de 2005 subordinada ao tema “Revolução nos Assuntos Militares”.

⁷ TELO, António – **Reflexões sobre a Revolução Militar em Curso**. Nação e Defesa nº103-2ª série 2003 – IDN, p. 225.

estatais, sub-estatais ou marginais (desde grupos terroristas, mercenários, empresas militares privadas). Já não motivadas por interesse nacional mas sim materiais, particulares ou de grupos, não servindo objectivos exclusivamente políticos, mas sim identitários, económicos, criminosos. Será que o futuro está reservado para as Forças Armadas S.A.⁸? A arte da guerra estará à venda?⁹

Considerando constantes as variáveis da “paixão e razão”, podemos então deduzir que o objectivo fundamental da RAM é conseguir controlar o “jogo das probabilidades e do acaso” preconizado por Clausewitz. Em última análise, a remoção da “fricção e incerteza”¹⁰ irá proporcionar o controlo desse jogo e garantir a vitória. É esta estratégia que está a ser utilizada para lidar com os riscos assimétricos globais.

No entanto, como em qualquer outro paradigma, também a RAM apresenta (pelo menos) um paradoxo. Ao cultivar a dissimetria não se estará a fomentar a assimetria? O esmagador poderio militar e tecnológico consubstanciado por uma panóplia de “sistema de sistemas” com precisão milimétrica, conferem uma capacidade de travar uma guerra quase asséptica, para a qual não existirá resposta convencional. Para além de obrigar os mais fracos a enveredarem por processos assimétricos, não obrigará também o mais forte a recorrer aos processos do mais fraco?

Um processo disponível ao mais forte para combater essa assimetria será recorrer a ataques preventivos¹¹. Actualmente a visão estratégica da potência dominante, resultante do seu enorme poderio militar, favorece o carácter ofensivo das operações, em detrimento de uma postura defensiva, criando incentivos para ataques preventivos.

Após termos visto a relevância da RAM como paradigma emergente, numa perspectiva histórica ou conceptual, julgo interessante avaliar a operacionalização do conceito, introduzindo para discussão um fenómeno que está a afectar o pensamento estratégico contemporâneo: a Transformação da Defesa. Para

⁸ Forças Armadas como uma Sociedade Anónima, isto é, actualmente designadas por Empresas Militares Privadas.

⁹ Em 1994, a empresa *Executive Outcomes* tinha elaborado um estudo em que estimava as necessidades para a pacificação do Ruanda em 1500 homens e um custo diário de 600.000 dólares, para um custo total de 100 MUSD. Em 1998 o Secretário Geral da ONU avaliou a possibilidade de enviar uma companhia privada para controlar a situação no Ruanda, mas concluiu que “o mundo não estava preparado para privatizar a paz”. Quando a ONU finalmente enviou 5500 militares, após os massacres, a operação custou 3 MUSD por dia, num custo total de \$197.5 MUSD. <http://www.un.org/Depts/DPKO/Missions/unamir> e http://en.wikipedia.org/wiki/Executive_Outcomes.

¹⁰ A fricção distingue a “guerra real da guerra no papel” e compreende uma miríade de variáveis sempre presentes, desde a topografia, à meteorologia, ao medo, confusão, etc. Segundo Clausewitz é “uma força que resiste a todas as acções e que consome energia”. A incerteza, ou usando a metáfora de Clausewitz, o “nevoeiro da guerra” (“fog of war”), exprime um atributo fundamental da Guerra que penetra no espaço de batalha, sob a forma de desconhecimentos acerca do adversário, do meio envolvente e da própria força. Para reduzir esse desconhecimento continuamos a desenvolver meios e sensores cada vez mais sofisticados de forma a tentar eliminar todas as ambiguidades. No entanto a natureza da guerra torna impossível a certeza. <http://www.sonshi.com/clausewitz.html>.

¹¹ É fundamental distinguir entre ataque preventivo e preemptivo. Ataque preemptivo ou em antecipação, consiste numa acção imediata com base na prova de que um inimigo está quase a atacar (por exemplo o ataque de Israel em 1967 contra o Egipto). A guerra preventiva envolve operações militares para evitar um risco futuro plausível mas hipotético (como os *raids* dos EUA contra a Líbia e a invasão do Iraque).

ser mais incisivo, a Transformação das Forças Armadas dos Estados com base nas capacidades centradas em rede. Esta Transformação abrange processos, pessoas e tecnologias, é indeclinável e está em curso no panorama internacional. Pode ser definida como um processo contínuo de inovação e integração de novos conceitos, doutrina e capacidades, visando um aumento de eficácia e interoperabilidade das forças, num ambiente em constante mudança.

A compreensão dos desafios na base da actual mudança na NATO (e nos EUA), acordada na Cimeira de Praga em 2002¹², permite encetar a verdadeira Transformação das mentalidades, necessária a uma abordagem disruptiva e holística deste processo. A ideia de que, “alianças entre países livres não sobrevivem ao desaparecimento da ameaça que os juntou”¹³, não foi para já, validada na NATO.

As mudanças no ambiente estratégico revelaram que a perspectiva de uma destruição mútua assegurada, num mundo bipolar, deu lugar a “um modelo de guerra irregular, global, assimétrica e permanente”¹⁴, sob a ameaça de um terrorismo transnacional, sem Estado e suspeito de possuir Armas de Destruição Maciça (ADM). Os conflitos motivados por ideologias políticas cederam lugar a radicalismos culturais e religiosos¹⁵. Os efeitos de crises regionais serão ampliados de forma global, pelas redes da Era da Informação, afectando a opinião pública e desse modo toda a estrutura nacional.

A distribuição de poder está cada vez mais dependente da Informação. Neste “paradoxo da abundância” o poder é ganho por aqueles que consigam separar os dados importantes do “ruído” de fundo¹⁶. A criação de riqueza está directamente associada à Era da Informação, onde as distâncias são reduzidas e o tempo de decisão comprimido. As organizações mais aptas serão aquelas que reconheçam a importância da informação como potenciadora de novas oportunidades. O controlo da informação através de um processo hierárquico e de comando centralizado era característico da Era Industrial. O novo paradigma informacional proporcionou uma fluidez de informação através de todos os escalões,

¹² A adopção desta postura estratégica decorrente da Cimeira de Praga, originou a necessidade de uma Transformação mais ambiciosa. Esta metamorfose organizacional e operacional privilegia a funcionalidade em detrimento da localização geográfica, apostando na simplificação da estrutura de comando, com activação do “Allied Command Transformation” (ACT) e “Allied Command Operations” (ACO), e com a criação da NRF - NATO Response Force (pretende-se que esta força de cerca de 25.000 homens seja rapidamente projectável - deslocamento em cinco dias e sustentação por 30 dias - centrada em rede, capaz de alcançar efeitos, transmitindo uma Imagem Operacional Comum a todos os escalões de comando). O ACT tem a função de identificar e influenciar o desenvolvimento de novas capacidades, aumentando a sua interoperabilidade, constituindo-se como o instrumento de Transformação da Aliança. O ACO é responsável pelos objectivos operacionais e, conjuntamente com as nações, “cliente” do ACT, na medida em que absorve e implementa os conceitos, doutrinas e capacidades desenvolvidos.

¹³ ROBERTSON, George – **Mudança na continuidade**. Notícias da NATO, Inverno 2003. <http://www.nato.int/docu/review/2003/issue4/portuguese/art1.html>.

¹⁴ GARCIA, Francisco; SARAIVA, Maria – **O fenómeno da Guerra no novo século: uma perspectiva**. Revista dos Negócios Estrangeiros. Ministério dos Negócios Estrangeiros. Nº 7 (Setembro 2004), pp. 104-121.

¹⁵ Samuel Huntington advogou que depois do fim do conflito ideológico capitalismo/socialismo, tinha chegado a Era do choque entre algumas Civilizações. Segundo ele, a grande ameaça provém da associação entre as civilizações islâmicas e confucianas, sendo a hipótese mais provável, o choque com o Islão. HUNTINGTON, Samuel – **O Choque das Civilizações e a Mudança na Ordem Mundial**. Gradiva, 1999.

¹⁶ NYE, Joseph S. – **Comprender os conflitos internacionais**. Gradiva, 2002, p. 253.

contribuindo para uma capacidade de tomada de decisão aos níveis mais baixos¹⁷. Numa perspectiva actual da Era da Informação, o campo de batalha do futuro não tem limites, anteriormente definidos para separação entre serviços, tornando-se por isso num espaço de batalha multi-dimensional. Este espaço abrange todas as formas de interacção humana, desde o combate armado até ao debate político e condicionamento da opinião pública, não esgotando os instrumentos de poder apenas na vertente militar.

Os desafios de natureza estratégica induziram alterações no pensamento militar. As necessidades de defesa estática diminuíram, surgindo a urgência de potenciar a capacidade de projecção de forças, tornando-as expedicionárias, modulares e flexíveis, para dar resposta a operações em qualquer ponto do globo. O novo paradigma de defesa, após o 11 de Setembro de 2001, conduziu a uma metodologia de planeamento de forças assente em capacidades centradas em rede, tendo em vista orientar as operações futuras baseadas em efeitos. A guerra de desgaste, característica dos séculos passados, cedeu lugar a uma aplicação precisa da força, num espectro alargado de conflitos, tendo como finalidade o condicionamento e alteração de comportamentos.

A necessidade de executar missões num espectro alargado de conflitos implica o estabelecimento de condições essenciais, no sentido de garantir uma elevada probabilidade de sucesso das operações militares¹⁸:

- entendimento da situação, contextualizando a informação e identificando possíveis padrões;
- operar em ambiente de coligações, incluindo agentes não militares;
- meios apropriados de resposta;
- orquestrar os meios de resposta em tempo útil.

O desenvolvimento de conceitos, capacidades e forças, para colocar em prática estes princípios, de forma eficiente, evitando a duplicação de recursos, requer uma profunda Transformação das organizações militares. O problema fundamental com que se debatem todos os Estados reside na determinação do nível de Transformação adequado, que lhes permita uma participação activa dentro das suas ambições políticas. As operações militares dos últimos anos provam que a incapacidade de adesão ao processo de Transformação pode significar a exclusão da participação em operações de coligação¹⁹. O plano militar ainda continua a ser a fonte primária de onde deriva o poder dos Estados, verificando-se por isso uma corrida à Transformação como se disso dependesse a sua própria sobrevivência.

¹⁷ As sucessivas vagas civilizacionais são habilmente apresentadas por TOFFLER, Alvin - **A Terceira Vaga** – Livros do Brasil, 2003.

¹⁸ ALBERTS, David; HAYES, Richard – **Power to the edge**. Washington D.C., 2003. http://www.dodccrp.org/publications/pdf/Alberts_Power.pdf, p. 98.

¹⁹ Veja-se o caso das várias ofertas de meios para participar no Kosovo e Afeganistão e a “recusa” dos EUA em aceitá-los. A interoperabilidade com as forças americanas ainda não é uma realidade.

Este conceito das Operações Baseadas em Efeitos²⁰, como resposta ao volátil contexto estratégico, envolve uma aplicação integrada de todos os instrumentos de poder (DIME), com o objectivo de criar efeitos que permitam atingir os resultados pretendidos²¹. A obtenção desses efeitos desejados está condicionada pelo processo de decisão²². Para tomar uma decisão precisamos observar, compreender a informação recolhida, decidir quais as opções correctas e actuar de forma decisiva. A rapidez e a qualidade com que efectuamos este processo, quando comparada com a do adversário traduzem o sucesso da missão²³.

Este processo assenta em três domínios. No domínio físico existem os sistemas de armas, as infra-estruturas e produzem-se os efeitos. No domínio informacional produz-se e avalia-se a informação, posteriormente partilhada, para utilização dos decisores. As percepções, valores e opinião residem no domínio cognitivo, possibilitando a tomada de consciência essencial à decisão. A ligação entre estes domínios com o objectivo de atingir superioridade sobre o adversário é a proposição básica das Operações Centradas em Rede (OCR)²⁴. Através do seu carácter de multiplicadora de força, permite executar os mesmos efeitos com forças menores, de maneira mais rápida, daí decorrendo menores custos e efeitos colaterais reduzidos. Podemos sumariamente apresentar os seus pressupostos.

Avançam os seus defensores que a ligação em rede de forças (sensores, decisores e executantes) de uma forma robusta, com segurança e acessível, permite a disseminação de informação e o trabalho em colaboração para determinar opções diversas de decisão e acção. A partilha de informação e a colaboração promovem a criação de uma informação de qualidade, fruto dos esforços conjuntos, que ao ser absorvida e apresentada sob a forma de Imagem Operacional Comum²⁵, contribui para o aumento de consciência situacional²⁶. Consequentemente, a partilha desta consciência fomenta maior colaboração e

²⁰ Acções coordenadas que procuram alterar o estado de um sistema através da aplicação integrada de instrumentos de poder. Orientadas para condicionar os comportamentos de amigos, adversários e neutrais, na paz, crise e guerra. As acções são planeadas, executadas, avaliadas e adaptadas utilizando um conhecimento holístico do adversário e do espaço de batalha.

²¹ NATO STRATEGIC COMMANDERS – **Strategic vision: the military challenge**. Supreme Headquarters Allied Powers Europe, 2004. http://www.ndc.nato.int/download/gfoc/20042_stratvis0804.pdf, p. 10.

²² Ciclo OODA proposto pelo Coronel John Boyd : Observar, Orientar, Decidir e Actuar.

²³ As novas Guerras de Informação visam alcançar uma paralisia estratégica do inimigo. Tal como Boyd, também o Coronel John Warden defende a importância da gestão da informação. FADOK, David S.- **J.Boyd and J. Warden: Airpower's quest for strategic paralysis**. <http://www.airpower.au.af.mil/apjinternational/apj-p/1tri01/fadok.htm>

²⁴ As OCR definem um novo tipo de Guerra - Centrada em Rede (*Network Centric Warfare - NCW*). Para compreensão aprofundada desta temática sugere-se a leitura da obra de referência de ALBERTS, D.; GARSTKA, J.; STEIN, F. - **Network Centric Warfare**. <http://www.dodccrp.org>.

²⁵ Representação gráfica da informação sobre factores cujo tratamento deve ser efectuado por um conjunto de pessoas. Uma imagem operacional comum não significa que cada um dos militares no espaço de batalha veja exactamente a mesma coisa, da mesma maneira e ao mesmo tempo. Significa que pelo menos um conjunto de pessoas tem a mesma informação disponível acerca de factores chave da consciência situacional, de uma maneira tempestiva. O efeito causado é o desenvolvimento da mesma percepção acerca de uma situação.

²⁶ A consciência situacional pode ser definida como a cognição ou conhecimento obtido através da percepção contínua própria, ou através de informação, em relação ao ambiente dinâmico envolvente, ameaças, e missão, assim como a capacidade de prever, e depois executar tarefas baseadas nessa percepção.

contribui para a auto-sincronização²⁷, através da utilização sinérgica de todos os recursos para a obtenção do efeito desejado. Como resultado obtêm-se uma maior sustentação e velocidade de comando²⁸. Como corolário é possível aumentar a eficácia da missão, ao reduzir o número de forças empenhadas para uma determinada acção, com maior flexibilidade e logística menos complexa. Ao concentrar efeitos diminui-se a concentração de forças, libertando recursos para outras operações. A interoperabilidade possibilitada confere a agilidade necessária para as forças se adaptarem a novas tarefas, fazendo uso da capacidade de “*plug-and-play*” de componentes específicas para a missão.

A opção de reorientação de tarefas é possível sem ter de esperar por um novo ciclo de planeamento de forças, adequando sistemas de armas a mudanças de prioridades de alvos. O facto de uma plataforma se mover permite que seja detectada, logo localizada. Se pode ser localizada e seguida, pode ser atingida, logo destruída, com precisão. A redução deste ciclo permite uma tomada de decisão quase em tempo real. O processo de planeamento de alvos passou de quatro dias, na operação “Desert Storm” em 1991, para 45 minutos na Operação “Iraqi Freedom” (OIF) em 2003, permitindo uma clara vantagem operacional sobre o adversário. O objectivo de ser capaz de identificar um alvo, transmitir essa informação ao indivíduo correcto e destruir esse alvo em apenas um minuto, faz ainda parte de uma visão futurista. Pretende-se ao mesmo tempo reduzir os danos colaterais e atingir a fasquia, para alguns utópica, de “zero baixas”.

A importância atribuída pela comunidade internacional às OCR é facilmente constatada pela proliferação de doutrina nesse campo, bem como na actualização dos Conceitos Estratégicos de Defesa de cada Estado²⁹. Apesar do consenso gerado em torno das vantagens das OCR, sobressaem alguns aspectos críticos cuja análise é importante³⁰.

Os diferentes significados dos conceitos existentes na comunidade internacional contribuem para uma menor clarificação das necessidades e ambições nacionais. Os EUA actuam como o catalisador da mudança, enquanto que os outros países limitam-se a tentar obter a interoperabilidade mínima para

²⁷ Arranjo de acções militares no tempo, espaço e com objectivo de produzir o máximo de poder de combate num local e tempo decisivos. Pode ser o resultado do planeamento detalhado ou da colaboração, ou o resultado de uma partilha da consciência, que proporcione uma linha de orientação adequada para a acção.

²⁸ A velocidade de comando é o processo pelo qual uma posição de superioridade informacional é convertida numa vantagem competitiva. Traduz a rapidez do processo de tomada de decisão do comando.

²⁹ O conceito de Guerra Centrada em Rede, introduzido pelos EUA na década de 90, rapidamente se tornou um requisito operacional para os países com ambição de participar em operações de coligação com forças norte-americanas. Consoante os níveis de ambição, recursos e tradições culturais, foram desenvolvendo adaptações nacionais de um processo de operação conjunta e integrada, dando preferência a segmentos específicos do espectro de conflito: Reino Unido “*Network Enabled Capability*”; Suécia “*Network Based Defense*”; Noruega “*NCW*”; Canadá “*Network Enabled Operations*”; Austrália “*NCW*”; Singapura “*Knowledge Based Command and Control*”; ou mesmo a China através da execução de simulações de operações em rede para treino de comandantes e forças militares. A NATO desenvolve a sua capacidade de operação em rede denominada “*NATO Network Enabled Capability*” (NNEC).

³⁰ Estas críticas não são de todo inclusivas, registando apenas algumas óbvias constatações.

actuarem em conjunto.

A validação do conceito sofre algumas alterações quando exposta à interacção humana, nomeadamente em operações reais. Apesar do conflito do Iraque de 2003 ser usado como exemplo das vantagens do conceito OCR, é necessário colocar em perspectiva a maneira como foi obtida a vitória. As capacidades iraquianas sofreram pesadas baixas após a guerra de 1991, decorrentes de embargos e de ataques cirúrgicos aos centros de defesa aérea, durante mais de 10 anos. De igual modo, a estratégia e liderança iraquianas deixaram muito a desejar, possibilitando o desmembramento rápido das forças. Não se deve por isso pensar que a superioridade de informação, por si só, significou a vitória. A dependência na superioridade de informação é por vezes inibidora da tomada de riscos e audácia, não constituindo substituto para maus processos de decisão ou estratégia errada³¹. De acordo com alguns autores, a incompetência iraquiana possibilitaria a validação de qualquer conceito³².

A assumpção de que a tecnologia conduz à certeza militar está demonstrada historicamente não ser verdadeira. A experiência da Somália demonstrou que os sensores e as tecnologias de recolha e processamento de informação não foram suficientes para o sucesso da missão³³. As lições retiradas dos conflitos recentes demonstram que, a superioridade tecnológica não pôs cobro à incerteza da guerra. A superioridade de informação não significa informação perfeita³⁴. A mudança sem precedentes da tecnologia não deverá, por isso, afastar as importantes lições históricas. Nem mesmo os melhores sensores podem dar resposta à incerteza causada pela interacção com o adversário. A dependência na tecnologia acarretará problemas, obrigando o adversário a direccionar as suas potencialidades contra as vulnerabilidades amigas, efectuando operações assimétricas. O domínio tecnológico é efémero e deverá ser desenvolvida a capacidade de operar com o sistema degradado, integrando a componente humana em substituição da tecnológica.

Isto decorre do facto do planeamento estar a ser efectuado com horizonte futuro de 20 anos, e para o qual não possuímos uma capacidade apurada de previsão. Outrora, como hoje, foi impossível prever as ameaças que se avizinhavam³⁵. Apesar do avanço tecnológico é impossível prever as exigências

³¹ BORGU, Aldo – **The challenges and limitations of Network Centric Warfare: the initial views of an NCW sceptic**. Australian Strategic Policy Institute, 2003. http://www.aspi.org.au/pdf/ncw_ab.pdf, p. 9.

³² CATERINICCHIA, Dan – **NCW: not there yet**. 9 de Junho de 2003. <http://www.fcw.com/article79869-06-09-03-Print>.

³³ MCMASTER, H. – **Crack in the foundation: Defense Transformation and the underlying assumption of dominant knowledge in future warfare**. US Army War College, 2003. <http://www.comw.org/rma/fulltext/0311mcmaster.pdf>, p.24.

³⁴ Idem, p. 51.

³⁵ As teorias contingenciais, como as defendidas por Henry Mintzberg em “*The Rise and Fall of Strategic Planning*”, alertam para o planeamento a curto prazo decorrente da imprevisibilidade do futuro. Este paradigma encontra semelhança histórica quando à data de 1903, ocasião do voo dos irmãos Wright, não foi possível determinar as capacidades da aviação militar numa guerra mundial, que aconteceu ao fim de 11 anos. Num cenário mais recente, é possível recuar até 1987, quando muitos dos aviões estavam a ser construídos para combaterem na fronteira alemã, ou quando as marinhas planeavam 600 navios com objectivo de defender as linhas de comunicação do Atlântico Norte. Nessa altura existia uma barreira à propagação da Revolução Islâmica do Irão, que atendia pelo nome de Saddam Hussein. WELLS, Linton II – **NEC issues and implications**.

operacionais de longo prazo. Mesmo com a intenção definida dos EUA de impedirem a emergência de um competidor, não está clara a identidade de adversários futuros.

O paradigma de “fazer mais com menos” pode não se aplicar a determinados cenários, especialmente na fase de estabilização dos conflitos, onde a presença em massa no terreno proporciona os melhores resultados. A OIF prova isso mesmo³⁶. Esta diminuição do tamanho das forças pode conduzir a efeitos morais não desejados, na medida em que o combatente irá ficar mais isolado, aumentando os seus níveis de stress, daí resultando uma diminuição da eficácia de combate. O facto de em última análise se pretender ligar cada combatente à rede, com o objectivo de proporcionar um aumento na rapidez de decisão, pode deturpar a qualidade da informação, fruto de imprecisões provocadas por fadiga ou stress. De igual modo, a complexidade das operações terrestres condiciona a aplicação das OCR com igual profundidade como acontece nas congéneres aéreas e navais. A necessidade de compreender o factor humano é por isso, cada vez mais essencial. Jiang Zemin reflecte esta realidade, ao afirmar que “a guerra do Iraque provou uma vez mais que em condições altamente tecnológicas, o factor determinante do resultado da guerra é ainda a qualidade humana”³⁷.

Os aspectos relacionados com a gestão da informação, nomeadamente a partilha, a dependência e o excesso, criam desafios que os participantes nas operações precisam de ter em consideração. A micro-gestão inadvertida, resultante em parte da compressão dos níveis da guerra³⁸, deriva da busca por parte do comandante do máximo de informação possível, podendo interferir nas responsabilidades dos seus subordinados, minando a moral e em última análise a eficácia das tropas. Uma força centrada em rede, nomeadamente os aspectos relacionados com o aumento da velocidade de comunicações e da consciência situacional, propicia aos líderes militares e políticos a possibilidade de intervenção ao nível tático³⁹. A cultura actual de minimização de erros colaterais coloca grandes desafios à capacidade de gestão dos líderes militares. A sua intervenção deve estar restringida a situações onde as decisões

Center for Strategic Decision Research, 2004. <http://www.csdr.org/2004book/wells.htm>. Nessa altura no Afeganistão, combatia a expansão soviética um importante aliado americano de nome Bin Laden.

³⁶ Para uma crítica bem fundamentada sobre a problemática pós-conflito sugere-se a leitura do artigo de Frederick Kagan - **War and Aftermath**, em http://www.policyreview.org/aug03/kagan_print.html.

³⁷ Citado em “**2005 Annual Report on the military Power of the People’s Republic of China**”. <http://www.defenselink.mil/news/Jul2005/d20050719china.pdf>, p. 18.

³⁸ Actualmente verifica-se uma interdependência dos níveis tático, operacional e estratégico, resultante em parte da mediatização dos efeitos da guerra. Acções ao nível tático assumem hoje efeitos a nível estratégico. A largada de uma bomba de precisão sobre um pretenso albergue de militares pode ser transmitida ao mundo como a destruição de uma creche. O soldado de hoje detém um poder estratégico sem paralelo na história.

³⁹ Um dos vários exemplos de micro-gestão ocorreu no conflito do Kosovo, em que o General Clark, Comandante Supremo das Operações, enquanto trabalhava no seu escritório visionava imagens em tempo real de um veículo aéreo não tripulado (UAV) “Predator”. Após ter detectado três carros de combate, contactou o Comandante da Componente Aérea e ordenou a sua destruição. Exemplos como este repetiram-se no Afeganistão e no Iraque. ALTMEIER, Matthias – **The perils of Network-Centric Warfare: micromanagement, morale and combat power in the age of information technology**. Canadian Forces College, 2003. <http://198.231.69.12/papers/csc30/exnh/altmeier.doc>, p. 13.

táticas assumam um significado estratégico, pondo em risco as directivas políticas, a coesão das forças participantes ou o sucesso da missão. A confiança na acção dos subordinados, e a sua liberdade (dentro das regras de envolvimento previamente estabelecidas) favorece a moral e o desempenho operacional. É por isso essencial promover a educação dos líderes e dos seguidores no âmbito das OCR.

Os defensores acérrimos da validade desta teoria acreditam que à medida que se evolui na capacidade de OCR, torna-se possível efectuar a dissuasão de conflitos futuros, fruto da possibilidade de detectar, identificar e neutralizar alvos adversários, antes de entrarem em contacto com as forças, terminando o conflito, antes mesmo de ele se ter iniciado.

Os críticos argumentam que a vantagem é apenas temporária, e que à medida que as tecnologias e o conhecimento se vão tornando mais acessíveis, se irá assistir a um aproveitamento por parte de nações ou organizações adversárias. A análise histórica mostra que não existem armas ou tecnologias decisivas. A guerra do futuro, tal como a do passado, será naturalmente complexa e incerta. Tal como Clausewitz previra, a tecnologia nunca eliminará completamente a ambiguidade e o “nevoeiro” característicos da guerra. As previsões que possam ser feitas hoje têm de ter isso em conta. Para contrariar esta possibilidade, os EUA necessitam de continuar a aperfeiçoar as OCR, ajustando de modo flexível a participação em operações de coligação.

Estamos numa fase embrionária da Transformação, onde qualquer conclusão deve ser encarada como sugestão, proporcionando um incentivo para a reflexão profunda sobre esta temática. Após esta breve análise afigura-se possível prospectar uma Transformação das Forças Armadas dos Estados assente no trinómio pessoas, processos e tecnologia.

A dimensão humana engloba a capacidade profissional necessária para desenvolver OCR, envolvendo treino, doutrina, organização e liderança. Estes factores promovem a coesão e a confiança necessárias para executar uma tarefa com maior eficácia. A selecção, treino e interface do indivíduo com a máquina são essenciais, pois a informação só é útil se permitir a actuação dos indivíduos de uma forma mais eficaz.

Os processos enquadram toda uma nova maneira de pensar e requerem uma organização adequada, mais simplificada e flexível, capaz de reagir a mudanças doutrinárias. É necessário incentivar o trabalho conjunto e colaborativo, realçando as sinergias de uma força em rede para a eficácia da missão. A descentralização do comando é resultado do aumento da consciência situacional dos subordinados, factor que pode contribuir para decisões ao nível tático com efeitos estratégicos. O comandante precisa de desenvolver confiança nas acções dos seus subordinados, abdicando de uma estrutura de decisão totalmente hierarquizada, transferindo alguma autoridade de comando para subordinados. A gestão do risco é por isso fundamental.

A vertente tecnológica envolve as info-estruturas necessárias para ligar os sistemas de armas e promover a interoperabilidade. A mudança deve ser faseada de modo a verificar a sua influência na organização. Os esforços iniciais devem incidir na conectividade necessária à participação em operações de coligação, enveredando posteriormente para uma integração das várias capacidades existentes nos vários ramos, numa rede funcional.

Isto é acima de tudo uma Transformação de mentalidades!

Também para Portugal, só com uma verdadeira Transformação de mentalidades é que se poderá concretizar com sucesso o estabelecido no Conceito Estratégico de Defesa Nacional, quando se afirma que as Forças Armadas “devem dispor de uma organização flexível e modular, adequada aos modernos requisitos de empenhamento operacional, conjunto e combinado, privilegiando a interoperabilidade dos meios e, desejavelmente, com capacidades crescentes de projecção e sustentação, protecção de forças e infra-estruturas, comando, controlo, comunicações e informações”⁴⁰.

Naturalmente que os problemas de que padecem as Forças Armadas não são exclusivos de Portugal. As barreiras culturais e resistência burocrática à mudança, bem como a escassez de recursos materiais e humanos promovem a necessidade de uma visão estratégica adequada aos problemas de segurança do Sec.XXI.

As palavras de Giulio Douhet, há mais de 80 anos mantêm a sua actualidade: “A vitória sorri aos que antecipam as mudanças na natureza da guerra, não aos que esperam que as mudanças ocorram para se adaptarem”⁴¹.

Já sabemos que os custos da Guerra são elevados, no entanto qual será o custo de nada fazer?

⁴⁰ Portal do Governo da República Portuguesa – **Conceito Estratégico de Defesa Nacional**. http://www.portugal.gov.pt/Portal/PT/Governos/Governos_Constitucionais/GC15/Ministerios/MDN/Comunicacao/Outros_Documentos/20030120_MDN_Doc_CEDN.htm.

⁴¹ Citação do General JONES, James L. - **Notícias da OTAN: “A transformação das estruturas militares da OTAN”** em <http://www.nato.int/docu/review/2004/issue1/portuguese/military.html>. Frase originalmente proferida por DOUHET, Giulio - **Command of the Air** - ed. Richard H. Kohn and Joseph P. Harahan (Washington, D.C.: US Government Printing Office, 1983), 30.